

ANÁLISE DO PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DOS CASOS DE LEPTOSPIROSE NO BRASIL ENTRE OS ANOS DE 2018 E 2022

Joanna Sousa da Fonseca Santana^{a,*},
George Gustavo Santos Souza Filho^a,
Vitor Sampaio do Vale^a, Caio Alves Sampaio^a,
Carolina Nascimento Machado^a,
Lara de Mello Oliveira^b, Maria Tereza de Sá Sarmiento^a,
Maria Eduarda Kobayashi Teixeira^a

^a Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública (EBMSP),
Salvador, BA, Brasil;

^b Universidade Salvador (UNIFACS), Salvador, BA, Brasil

Introdução: A leptospirose é uma doença infecciosa transmitida a partir do contato com a urina dos ratos, contaminados pela bactéria do gênero *Leptospira*. Foi classificada como uma Doença Tropical Negligenciada, pois afeta comunidades marcadas pela desigualdade social, que vivem em áreas sem saneamento básico adequado. Assim, esse trabalho objetiva fazer a análise epidemiológica da doença no Brasil entre os anos de 2018 e 2022.

Métodos: Trata-se de um estudo epidemiológico, transversal, realizado a partir do banco de dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação do Brasil (SINAN). Avaliou-se o território nacional, no período de 2018 a 2022, sendo coletadas as variáveis: etnia/raça, sexo, evolução, faixa etária e escolaridade.

Resultados: O total de casos registrados no Brasil nesses 5 anos foi de 13.497. A região com maior número de notificações foi a Sudeste (32,14%), seguida pela Sul (31,82%), Nordeste (19,12%), Norte (14,09%) e Centro Oeste (2,17%), respectivamente. A população mais acometida é do sexo masculino (82,23%), etnia parda (57,68%), dos 20 aos 59 anos (75,87%). No Brasil, a taxa de óbito é de 9,63% (1.300), sendo mais alta no Nordeste com 13,87% (370) e 73,98% (1.973) de cura. A região Sul, com a segunda com maior quantidade de casos, obteve a menor taxa de óbito (5,38%, 231). Para escolaridade, destaca-se a taxa de 42,96% de dados ignorados, todavia, apenas 2,81% dos casos correspondem a indivíduos com ensino superior completo.

Conclusão: É possível perceber uma discrepância entre os sexos, as raças e a escolaridade, acometendo as populações mais vulneráveis socioeconomicamente. No que tange a mortalidade por leptospirose: embora ocupe a 3ª posição das regiões com maior número de notificações da infecção, a região Nordeste apresenta a maior taxa de óbito pela doença. Tal dado pode estar relacionado com a baixa escolaridade, com a dificuldade de acesso aos serviços de saúde, como também com uma possível subnotificação dos casos. Destaca-se que a principal forma de contaminação da doença depende da ausência do saneamento básico, que também é precário nesses locais. Vale ressaltar que o tratamento da leptospirose requer antibioticoterapia, ou seja, é uma doença curável e resolutiva se diagnosticada precocemente. Portanto, é imprescindível orientar os profissionais para identificação rápida e eficaz da doença a fim de reduzir sua letalidade, bem como o investimento em políticas públicas de saneamento para controle da contaminação.

Palavras-chave: Leptospirose Doenças Negligenciadas Saneamento Básico Perfil de Saúde Epidemiologia

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.103505>

ANÁLISE DO PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DOS CASOS DE MALÁRIA NO ESTADO DA BAHIA ENTRE OS ANOS DE 2013 E 2022

Stéfany Lima Prado^{*}, Bruna de Jesus Prata,
Geisy Menezes Nascimento,
Gustavo Henrique de Santana Fontes,
Ana Carla Ferreira Silva dos Santos,
Leticia Maria de Araujo Ferreira,
Izabela Oliveira Araujo

Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão, SE,
Brasil

Introdução/Objetivo: A malária é uma doença febril infectoparasitária causada, pelos protozoários *Plasmodium*, principalmente *P. falciparum*, *P. malariae*, *P. vivax* e *P. ovale*. A prevalência dessa patologia é mais alta nas regiões tropicais do planeta. Na região extra-amazônica, a exemplo da Bahia, onde a malária não é endêmica, a doença é de notificação compulsória imediata. Dessa forma, a seguinte pesquisa objetiva analisar o padrão epidemiológico dos casos notificados de malária na Bahia.

Métodos: Trata-se de um estudo transversal, de abordagem quantitativa e qualitativa, com dados de 2013 a 2022. Foram selecionados os casos de malária confirmados notificados no sistema de informação de agravos de notificação no estado da Bahia, levando em consideração as variáveis ano do primeiro sintoma, faixa etária, sexo, macrorregião de saúde e resultado do parasitológico. A coleta de dados foi realizada através do Sistema de Informação de Agravos de Notificação, hospedado no DATASUS.

Resultados: No período avaliado, foram notificados 301 casos de malária na Bahia. Quando analisado o ano do primeiro sintoma, 2018 é o que tem a maior quantidade de casos, 89, seguido de 2021 com 79 casos e 2022 com 22. Os números de 2018 e 2021 chamam atenção, uma vez que em 2017 apenas 11 pessoas iniciaram os sintomas, em 2019 e 2020 somente 13 e em 2022 o valor volta a descer com 22. As macrorregiões de saúde da Bahia com maior prevalência de malária foram as sul e leste, com 92 casos cada, seguidas do extremo sul, com 85. Somadas, elas correspondem a 89,37% do total de notificações nos últimos 10 anos, durante esse tempo, as outras seis macrorregiões concentraram entre 4 e 7 casos cada. Os indivíduos entre 20 e 39 anos corresponderam à faixa etária mais prevalente, com 140 casos, seguida daqueles entre 40 e 59 anos, com 80. Ademais, 71,09% do total de pacientes notificados nesse período é do sexo masculino. No que diz respeito ao resultado do exame parasitológico, 76,07% dos casos resultaram em *P. vivax*, enquanto 19,93% em *P. falciparum*. Entre 2013 e 2022 foi registrado apenas um caso de *P. ovale* no estado, em 2015.

Conclusão: O presente estudo constatou que, entre 2013 e 2022, houve dois períodos de grande disseminação do parasita, 2018 e 2021, sendo que nos demais anos não há muita variação do número de casos. Além disso, há uma maior

tendência de casos no sexo masculino e entre os adultos. Também foi observado que a espécie de maior prevalência na Bahia corresponde ao *P. vivax*

Palavras-chave: Epidemiologia Doenças tropicais Malária

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.103506>

ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DA EVOLUÇÃO DO QUADRO DE ESQUISTOSSOMOSE NA BAHIA, DURANTE O PERÍODO DE 2015 A 2022

Brenda Luiza Carvalho^{a,*}, Thaís Coutinho de Rezende^b, Mariana Tainá Oliveira de Freitas^b, Eduarda Araújo de Gusmão Lôbo^c, Ana Carolina Rodrigues Lado^d, Analuiza Martins Moreira Gomes^e, Higor Braga Cartaxo^f

^a Faculdade Maurício de Nassau, Aracaju, SE, Brasil;

^b Universidade Potiguar (UnP), Natal, RN, Brasil;

^c FITS – Jaboatão dos Guararapes, Jaboatão dos Guararapes, PE, Brasil;

^d Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil;

^e Centro Universitário do Estado do Pará, Belém, PA, Brasil;

^f Centro Universitário Santa Maria (UNIFSM), Cajazeiras, PB, Brasil

Introdução/objetivo: A esquistossomose é uma doença parasitária endêmica em áreas tropicais, considerada ainda um grave problema de saúde pública no Brasil. Ocorre principalmente nas localidades com o saneamento inadequado, sendo adquirida através da pele em consequência do contato humano com águas contendo formas infectantes do *S. mansoni*. A magnitude de sua prevalência, associada à severidade das formas clínicas, que varia desde uma fase aguda grave com quadros de diarreia/tosse/emagrecimento e evolução para forma crônica levando a prisões de ventre e cirrose, conferem a esquistossomose uma grande relevância no cenário da saúde pública devido ao grande número de pessoas que apresentam essa enfermidade. Esse estudo tem como objetivo observar a evolução do quadro de esquistossomose na Bahia de 2015 a 2022.

Métodos: Trata-se de um estudo observacional do tipo ecológico. A pesquisa foi realizada em junho de 2023, através do levantamento de dados secundários na base de dados dos casos notificados no SINAN disponibilizados pelo DATASUS. As variáveis utilizadas foram ano de notificação, sexo e faixa etária.

Resultados: O total de casos confirmados no período foi 3.031. O ano que apresentou maior número de casos foi 2015 com 730. Ocorreu diminuição dos casos entre os anos de 2018 a 2020, havendo um aumento progressivo nos anos de 2021 e 2022. Houve maior incidência no sexo masculino, 1.673, em relação ao feminino, 1.357. A faixa etária com maior prevalência de casos, 1.003, foi de 40 a 59 anos, seguido de 20 a 39 anos com 921 casos.

Conclusão: No período destacado, percebe-se que o número de casos de esquistossomose na Bahia manteve-se alto, indicador que reflete a alta incidência inveterada da doença no país. Nesse viés, a alta prevalência possui um

importante fator socioeconômico associado, além da precariedade de saneamento básico e a limitação do acesso à atenção básica. Além disso, a subnotificação limita uma compreensão fidedigna dos dados e dificulta a elaboração de políticas públicas fiéis à realidade. Neste estudo, é possível visualizar uma maior notificação em homens entre 40-59 anos, cuja maior exposição está associada ao fator laboral e à maior circulação nas áreas de encontro com o hospedeiro intermediário da doença. Sendo assim, maiores investimentos devem ser feitos, além de uma notificação mais eficiente e igualitária entre as regiões, para que o acesso à saúde, assegurado constitucionalmente, seja garantido a todo cidadão brasileiro.

Palavras-chave: Epidemiologia Esquistossomose Notificação de doenças Brasil Vigilância epidemiológica

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.103507>

ANÁLISE ESPACIAL DA LETALIDADE POR LEISHMANIOSE VISCERAL NO BRASIL (2012-2019): UM ESTUDO ECOLÓGICO

Maria Clara Menezes Nocrato Prado*, Eliete Rodrigues da Silva, Juliana Santos Teles, Tássia Nayane Vieira dos Santos, Íris Tarciana de Freitas Cunha, Renato Brito dos Santos Júnior, Guilherme Reis de Santana Santos, Tatiana Rodrigues de Moura, Shirley Veronica Melo Almeida Lima, Allan Dantas dos Santos, Caíque Jordan Nunes Ribeiro

Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão, SE, Brasil

Introdução/objetivo: A despeito das políticas públicas focadas na redução da incidência da leishmaniose visceral (LV), essa doença tropical negligenciada permanece um considerável problema de saúde pública. A letalidade da leishmaniose visceral no Brasil é a maior dentre os cinco países com o maior número de casos. Assim, tendo em vista a relação da vulnerabilidade social com os desfechos negativos da doença, este estudo objetiva analisar a distribuição espacial da letalidade da LV no Brasil no período 2012-2019, com o propósito de identificar as áreas de maior risco.

Métodos: Estudo ecológico que empregou técnicas de análise espacial e incluiu todos os casos de LV registrados no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), entre 2012 e 2019. As unidades de análise do estudo foram os 5.570 municípios brasileiros. Foram calculadas médias móveis de letalidade trianuais para distribuição das taxas. O índice de Moran global univariado foi calculado para identificar a existência de dependência espacial. A estatística LISA (local indicators of spatial autocorrelation) foi empregada para identificar os padrões espaciais da letalidade por LV. As análises foram executadas com 999 permutações de Monte Carlo, com p-valor < 0,05 e os resultados significativos foram representados em mapas de Moran.

Resultados: Entre 2012-2019 foram registrados 28.621 casos de leishmaniose visceral no Brasil, sendo mais da metade notificados na região Nordeste (55,91%). Dentre esses, os